

Aves de Rapina Noturnas em Portugal

Das cerca de 250 aves de rapina noturnas conhecidas por todo o mundo, apenas sete são observáveis em Portugal, e nestas incluem-se duas que só cá estão uma parte do ano: a coruja-do-nabal, invernante, e o mocho-pequeno-d'orelhas, que chega na primavera para se reproduzir. As restantes cinco espécies – coruja-das-torres, coruja-do-mato, bufo-pequeno, mocho-galego e bufo-real – são residentes, permanecendo no nosso país de janeiro a dezembro.

As sete espécies pertencem à ordem das Strigiformes, que engloba todos os mochos, corujas e bufos, explica João Eduardo Rabaça, que durante uma visita realizada em janeiro, no Jardim Gulbenkian, falou sobre o que cada um de nós pode fazer para contribuir para a conservação deste grupo.

Por necessitarem de áreas abertas, onde possam encontrar alimento em quantidade suficiente, muitas destas aves são mais associadas ao meio rural. Mas por vezes são observadas nos arredores de vilas e cidades, ou mesmo no centro de algumas, como sucede com as corujas-das-torres ou com a coruja-do-mato – “é assinalável o número de aves que penetram e nidificam no espaço urbano”, nota João Eduardo Rabaça. O investigador lembra que foram encontradas aves juvenis de coruja-do-mato na Avenida da Liberdade, Lisboa, em 2006.

Mas esta é uma realidade distante. Hoje já não se encontram aves de rapina noturnas no centro de Lisboa. Aliás, acredita-se que mais de metade destas espécies tenham perdido terreno em Portugal, pelo menos desde o final de 2009.

De acordo com o último relatório do Grupo de Trabalho em Aves Nocturnas (GTAN), que junta vários investigadores especializados em rapinas noturnas, as situações mais preocupantes são as do mocho-d'orelhas e do mocho-galego – estima-se que as populações destas duas espécies tenham registado “uma tendência fortemente negativa”, marcada por um “declínio acentuado”. De acordo com o mesmo documento, publicado em dezembro, a coruja-das-torres e o bufo-pequeno também merecem cuidados, pois “registam um declínio moderado”.

Perante a situação negativa de mais de metade das aves de rapina noturnas de Portugal, o que é mais importante fazer? Obter mais conhecimento sobre o estado deste grupo. “Precisamos de ter um retrato mais fiel do que se está a passar”, refere João Eduardo Rabaça. “A participação mais expressiva e mais útil, da parte de cidadãos que queiram fazer algo, é envolverem-se no censo Noctua Portugal”, sublinha. É graças a este censo de aves noturnas, organizado todos os anos pelo GTAN e pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), que os investigadores portugueses obtêm informação sobre as tendências populacionais dessas espécies.

Trata-se de contagens de aves realizadas por voluntários, ao final do dia ou durante a noite. Qualquer pessoa pode participar, sublinha este professor da Universidade de Évora. Os organizadores do censo ajudam no que for necessário e fornecem gravações com as vocalizações das espécies, já que o mais comum, no caso do Noctua Portugal, é fazer-se a identificação de cada ave a partir do som característico que faz.

A coruja-das-torres, por exemplo, tem um grito estridente muito fácil de identificar. O mocho-pequeno-d'orelhas tem um canto monossilábico, que faz lembrar o sapo-parteiro-comum. Já a coruja-do-mato emite o “uhuuuu” que é tradição associar a este grupo de aves, enquanto os sons da coruja-do-nabal lembram um riso abafado.

Todas as participações são importantes, mas no Interior do país há falta de mais voluntários para a realização do censo do Noctua Portugal, que decorre todos os anos entre dezembro e meados de junho, frisa o mesmo responsável.

Quanto maior for o número de participantes e mais espalhada a sua presença pelo território nacional, mais dados de qualidade serão obtidos e mais influência será possível ter junto dos decisores políticos, para que se empenhem na conservação destas aves. “É importante conhecer o que existe destas espécies, onde existem, em que números são e quais os seus movimentos.” Por isso, refere, “qualquer informação de um avistamento é importante, mesmo que seja uma ave vítima de colisão com veículos”. “Enviem esses registos para o GTAN”, apela o investigador, que recorda que as pessoas também se podem juntar ao portal [eBird](#).

[Da coruja-das-torres ao mocho-galego, como contribuir para a conservação das aves de rapina noturnas – Jardim Gulbenkian](#)

